



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

O MILAGRE

Por CESAR MADEIRA

NOITE gélida de Dezembro. O vento sopra em rajadas violentas, açoitando, furiosamente, os raros transeuntes que a necessidade obriga a andar na rua áquelas horas da noite. Num escuro portal, quedava-se, encolhido, um pequeno vulto. O guarda nocturno, que passa, quasi nem dá por êle. Mas, de súbito, pára, baixa-se para ver o que é, e, vendo uma criança, sacode-a brandamente:

— «Eh garoto! Então o que estás aqui a fazer?» — A criança que dormia, acordou extremunhada. E o guarda pôde ver, então, voltado para êle, um rostozinho pálido, onde brilhavam uns grandes olhos castanhos, meigos, sonhadores.

— Para que estás aqui, pequeno? — repetiu o bom homem condoído. Não vês que não se pode estar na rua com êste frio?

— Esqueci-me ... a pensar, e adormeci... A avó está doente e não tem nada em casa. Amanhã é dia da consoada e a avó disse que Deus é bom e havia de fazer um milagre e nós teríamos que comer.

— ¿Onde moras?

— Lá em cima, num quarto do sótão — indicou êle apontando um prédio em frente.

— E teus pais?

— Não tenho. A mãe morreu há tempo, fiquei só com a avó.

— Pobresito! Vai para junto dela, anda, e toma lá cinco tostões para um pão, que é quanto tenho no bolso.

A criança dirigiu-se, tiritando, para casa, e o guarda ficou parado, até vê-la sumir no escuro portal. Em seguida, afastou-se pensativo, comentando, com os seus botões, as injustiças da sorte.

Entretanto, o pequenito subia à «água-furtada» que lhe servia de habitação, e, ao ruído da porta, abrindo-se, uma voz cansada, perguntou:

— És tu, Joanico?

— Sou eu. ¿Nosso Senhor ainda não fez o milagre, avózinha?

— Não, meu filho, mas não devemos desanimar. Deus é bom, e o Menino Jesus não costuma esquecer-se dos pobrezinhos. Deita-te, sim? Está tanto frio...

O Joanico deitou-se no leitozinho bonito — (restos ainda da passada abastança em que vivera, antes, sua família, e sua avó lhe conservara, a despeito das necessidades sofridas) — não ouvindo um soluço abafado que a pobre velha não conseguira sufocar de todo. E enquanto ella sentia deslizar as lágrimas dos seus pobres olhos fatigados de longas horas curvadas sobre a costura, o netinho teve sonhos maravilhosos com fadas, presentes do Menino Jesus, uma consoada com muitos doces, e muitas luzes.

No dia seguinte, diz-lhe a avó:

— Meu filho, tens de ir à loja para onde trabalho, ver se me adiantam algum dinheiro: Nada temos para o almoço. Dize ao sr. Fran-





cisco que eu já estou melhor e breve conto saldar a minha dívida, com o trabalho que cá tenho.

— Sim, avó Mas olhe; esqueci-me de lhe dar cinco tostões que me deu um senhor, ontem, à noite. Vou, primeiro, comprar-lhe um pão para não estar sem comer até eu vir.

Quando ia a sair da padaria, tropeçou num objecto qualquer caído na valeta. Baixou-se e viu que era uma carteira volumosa. Olhou para todos os lados, procurando quem a poderia ter deixado cair, mas não estava ninguém próximo. Só ao fundo da viela surgiram alguns operários apressados, que iam para o trabalho e ninguém vira o pequeno baixar-se para apanhar a carteira. Como é natural numa criança de 10 anos, teve curiosidade de ver o que tinha dentro, e, para isso, meteu-se no portal mais próximo. Ao abri-la ficou espantado por ver que estava recheada de notas grandes, daquelas que ele nunca vira em casa da avó, e só via trocar nas lojas onde ia buscar os géneros para as magras refeições que a avó preparava. Então, uma idéia súbita lhe acudiu ao cérebro: Era o milagre! Fôra Deus que lhe colocara aquela carteira no caminho, para que nada faltasse, à sua avó e a ele, na noite da consoada! E os lindos sonhos que tivera?! Ah! Sim era bem isso... Com aquêle dinheiro podiam comprar tantas coisas!... Ergueu-se, num repelão, dispôsto a levar para casa aquela fortuna.

Mas eis que, de repente, também, estacou, ficando meditativo, com os grandes olhos sonhadores perdidos no espaço. E' que estava

vendo a imagem da sua mãzinha que, havia pouco, desaparecera, e éle bem se recordava de que ela lhe dizia muitas vezes: — «uma coisa achada sempre tem dono, e quem fica com o que acha, comete um roubo, e um roubo é um crime.»

Ser ladrão, que horror! Oh! E a mãzinha lá do céu a ver se éle seria capaz de cometer tão feia acção! E dos seus lábios trémulos saiu um murmúrio: — «Perdão mãzinha, se foi Nosso Senhor quem mandou, é para mim; mas, se não foi, não quero.»

Iria perguntar, ao primeiro policia que encontrasse, o que havia de fazer. Não devia mostrar à avó; a pobrezinha ficaria triste, certamente, ao esvair-se a ilusão.

Quando seguia rua acima, depara-se-lhe o guarda nocturno que o despertara na véspera:

— Olá, pequeno, então, por aqui? — e acrescentou, reparando na carteira que o pequeno apertava contra o peito: — O que levas aí?

— Olhe, senhor guarda, ia à procura de um policia para me dizer o que hei-de fazer desta carteira que está cheia de notas grandes. Não sei se foi Deus que fez o milagre que a minha avó espera... Mas a mãzinha dizia-me que quando se acha uma coisa, deve-se entregar logo ao dono. Não é?..

— E', sim. És um bom menino, deixa vêr.

O guarda arregalou os olhos ficando pálido de susto, ao vêr-se com aquela fortuna nas mãos. — Vamos, pequeno, à próxima esquadra.



Noite de Natal. Os sinos repicam festivamente. O vento assobia e fustiga as vidraças de um palacete rodeado de jardins onde, pelas janelas cheias de luz, se pode ver um «vai-vem» continuo de criados. De vez em quando, ouvem-se risos de crianças. Entremos. Lá dentro tudo é alegria e luz. A uma grande mesa, deslumbrante de cristais que cintilam, onde os doces se ostentam profusamente distribuídos, estão sentados muitas senhoras e cavalheiros. Tôdas as atenções convergem para uma simpática velhinha, sentada, confortavelmente, numa cômoda poltrona e envolta em quentes agasalhos. Em volta de uma linda árvore de Natal, estão várias crianças e, entre elas, o Joânico, risonho e contente, com um fatinho como o dos outros meninos, brincando como se já fôsse da casa. Entre portas, aparece um criado di-

AQUELES BOTÕEZINHOS DE OIRO

Por FELIZ VENTURA

Certos botõezinhos de ouro
Que muita vista faziam,
Eram bastante orgulhosos
E com ninguém conviviam.

Voltavam as suas costas
Aos irmãos de madreperola,
Botões sem tanta beleza
Mas que viviam felizes
Sem pensarem na riqueza.

Ora, um dia, um deles disse,
Olhando os outros botões:
— «O' mano, nós uns fidalgos
Ao pé destes pobretões!
Nós que temos de família
Pergaminhos e brazões!

Devia ser respeitada
Nossa ilustre gerarquia

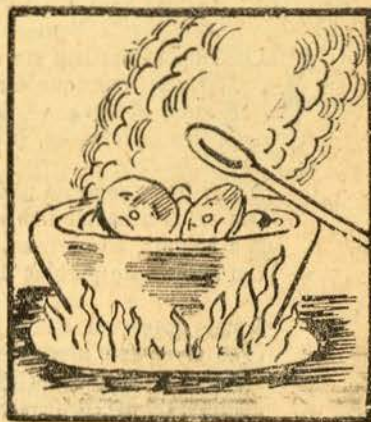


E estarmos só onde houvesse
Botões da nossa valia».

O outro ainda mais soberbo
Disse com brilho no olhar:
«Não te rales por tão pouco
Que 'inda há-de tempo chegar
Em que à vanguarda de todos
Nós havemos de brilhar.
Mas até vir esse dia
Tu, a toda esta gatinha,
De condição tão mesquinha,
Importância não vais dar.
Deixa-te estar bem distante,
Mantem-te no teu lugar».

Passaram tempos... Um dia
Resolveram os patrões
Vender os ditos botões.
E sem demora a patrão
Diz assim para a criada:
— «Há-de tirar os botões
Da camisa do senhor,
Mas tenha muito cuidado.
Pois são de muito valor».

Ouviram os botõezinhos
Esta recomendação
E ficaram todos cheios
De grande satisfação,
Pois, de-certo, iam viver
Em melhor habitação.



E dos dois o mais vaidoso
Disse assim todo pimpão:
«Por verem nossa nobreza
Os patrões vão-nos mudar
E levar-nos, sem demora,
Para bem melhor lugar.
Ou vocês 'inda pensavam
Que íamos aqui ficar?»

Porém, bastante admirados
Ficaram, êle e o irmão,
Ao verem-se mergulhados
Na maior escuridão;
Em vez de estarem fazendo
Figura nalgum salão.

(Continua na página 7)

zendo para o dono da casa: — «Senhor, aqui está o senhor guarda...
Quási velo à fôrça.»

Acolheram-no exclamações de alegria:

— Venha cá. Então não queria compartilhar da nossa alegria?!
Foi muito bondoso em indicar-nos esse pequenito, com tão grande
alma, a quem, de ora-á-vante, nada faltará, bem como a sua avó. Mas
a sua honradez também merece recompensa, e terá para sempre a
nossa gratidão e uma casa às ordens. Se não fosse a sua honradez e
a alminha pura dessa criança, não poderia pagar os salários aos meus
empregados, e, esta noite, êles teriam uma noite de Natal muito triste.
Eu perdi a carteira e tinha-me queixado na esquadra, quando preci-
samente a iam entregar — terminou dirigindo-se aos convivas.

Todos se levantaram, vindo apertar a mão ao humilde guarda
nocturno. A dona da casa, chamou o Joanico, que foi beijado pela
assistência, e concluiu: — «De hoje em diante considero-te como meu
filho. Estudarás, serás um homem de bem. Tua avó terá o conforto
do lar, como se a tua mãezinha fosse viva, e não trabalhará mais. A
velhinha chorava de comoção, e o Joanico correu para ela, dizendo:
— Bem dizia a avózinha! Deus fez o milagre!...

UMA ANEDOTA DO GREGÓRIO

Convidaram, certa ocasião, o Gre-
gório para jantar.

Durante a refeição, o nosso herói
ria, conversava e galhofava.

No fim do jantar, a dona da casa
disse-lhe:

— «Que belo espírito o do senhor
Gregório! Manteve todos nós em per-
manente gargalhada...»

Gregório responde com modéstia:

— «Ainda isto não é nada! Se a se-
nhora quer ver-me muito contente,
mas mesmo muito, mande aparecer
agora outro jantar...»

RACIOCÍNIO INFANTIL

◆ Por CARLOS F. CARVALHO ◆

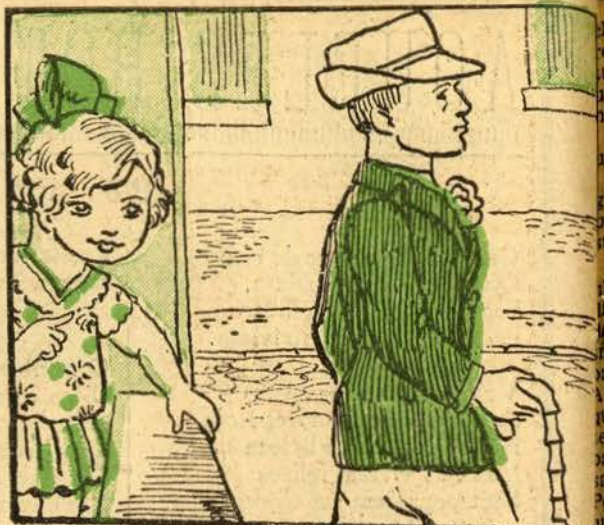
A LÉM de ser artista em diabruras,
Maria Helena, que é bastante fina,
Escuta, observa, vê, faz conjecturas,
Já tira conclusões, já raciocina.

A sua linda voz que nada iguala,
Dos anjos a cantar tem a harmonia,
E a boquita, ao abrir-se, quando fala,
Um rosário de pérolas desfia.

Jamais sossegam, nunca estão quietos
(Tão vivos são, alegres, buliçosos)
Os seus encantadores olhos pretos,
Meigos, ternos, brilhantes, luminosos.

Para fazeres dela leve ideia,
Para mostrar-vos que ninguém a embaça,
Que tira conclusões já de mão cheia,
Vou contar-vos um caso que tem graça:

Uma tarde, à janela, nos chamou,
Ao ver, todo de branco, um cavalheiro.
Quem era bem depressa perguntou;
Respondemos-lhe ser um brasileiro.



Num outro dia, mais dum mês passado,
Seguia um cidadão todo tufal,
Cheio de pose, muito empertigado,
De calças brancas e casaco azul.

Ao descobri-lo, foi, logo a correr,
Chamar irmãs, irmãos, a mãe e o pai,
Dizendo-lhes: — «depressa, vinde ver,
Um meio brasileiro que ali vai...»

Parece, tendo apenas quatro anos,
Ter mais alguns pelo que faz e diz;
Junto dela nem lembram desenganos,
Chega a gente a julgar-se até feliz.

SEJAMOS IRMÃOS

◆ ◆ Por ISOLDINA ◆ ◆

M AIZINHA! Ó maizinha. Eles ma-
tam-se!...»
Este grito allitivo, soltára-o
a Milita, ao ver o espectáculo que se lhe



deparava ao entrar no jardim. — Péga,
patife! Eu te ensinarei a respeitar os
heróis, os valentes!...

— Ai, ai; deixa-me...

— Queixa-te, tratante! A memória dos
heróis, é sagrada, ouviste?... E os mur-
ros ferviam e as invectivas, de parte
a parte, explodiam.

Dois petizes engalfinhados socavam-
se impiedosamente.

Um deles, que parecia o mais novo,
ao ver a resistência do outro, afrouxar,
parou então, esbaforido, com o rosto
contraído e os olhos furibundos, de pu-
nhos cerrados, como prestes a saltar ao
menor gesto de avanço do outro. A seu
lado, o «King», lindo cão «Setter», que
costumava resolver todos os conflitos
à dentada, e acudira nêsse momento,
mostrava os dentes alvos, que eram de
respeito, e as mandíbulas prestes a cas-
tigar quem fizesse mal ao seu dono.

O que motivára tão grave questão?
Se eles eram tão amigos!...

Esta pergunta fazia-a Milita a si mes-
ma, enquanto corria em procura de sua
mãe.



Fôra o caso que, por qualquer tel-
sia ou capricho do menino Gerardo
lho do senhor conde de X e vizir
do Rafael (irmão da Milita) a que
não cedera, o fidalguinho assentara
mão, em estrondosa bofetada, na
do seu amigo e companheiro de
quedos. O Rafael, espantado da ac-
que não esperava, retorquiu-lhe com
tra. Tép... e o menino Gerardo
sem fôlego, de raiva. Córrou, empal-
ceu e, impertigando-se, disse, lança-

chispas pelos olhos: — «Tu! tu, bate-
res no filho do conde de X?... Quem és
tu para a tal te atreveres?! Filho de
um pelintra, sem nobreza e sem di-
gnidade!»

— Pelintra?! O meu paizinho que foi
um grande, um valente.

— Ah! ah!... chasqueou o outro, Um
grande?! Ah! ah! ah!... Grande é meu
pai; não vês como todos se curvam à
sua passagem?

— Quem sabe se não será ao seu di-
gnidade? Dize: que fez ele? Tem muito
dinheiro é o que é... Dos pais não se
deve julgar mal nem consentir que ou-
tros o façam. A culpa foi tua que me
bateste primeiro e insultaste meu pai.
A sua memória deve ser sagrada, por-
que foi um herói. Morreu, gloriosamen-
te, no campo da batalha; caiu sob as
palas dos alemães, ao defender as nos-
sas colónias, uma parte do nosso lindo
Portugal. Retira já o que disseste, e es-
queçamos tudo.

— Não, e não! Nunca retiro o que
digo. Foi um pelintra como outro qual-
quer...

Mas ainda não tinha terminado e já
sentia o péso da justa cólera do Rafael
que desabava sobre ele, numa saraiva
de murros. A mãe d'este, surgiu, en-
tão, seguida da Milita, a pôr termo à
renhida luta

— Então, então, meus filhos! — gritou
ela. — Quietos já! Tu, Rafael, tão comedi-
do, tu que nunca foste desordeiro!...
Uma coisa assim!... Mas que foi? Di-
gam lá!

— Mã, éle insultou a memória do pai,
que tu nos ensinaste a adorar, a vene-
rar como se deve fazer aquêles que per-
deram a vida em defesa da Pátria.

A senhora olhou severamente Gerar-



do e esperou explicações que éle não
deu, limitando-se a dizer, de cabeça or-
gulosamente levantada:

— Éle bateu-me!...
— Quem bateu primeiro? — inquiriu
ela.

Rafael esperou; mas como o seu an-
tagonista nada dissesse, respondeu:

— Foi éle. Tu bem sabes, mãe, que eu
só sou capaz de bater em defesa pró-
pria.

A mãe de Rafael, gravemente e com
os olhos velados de tristeza, falou
assim:

— Meus filhos! Não devemos falar
dos ausentes quando não seja por bem,
e muito menos dos mortos. Isso é uma
maldade, uma feia acção. O soldado
mais humilde, aquêles que, vindo da sua

aldeia de arar e cavar a sua geira de
terra, não conhecendo sequer as letras
do alfabeto — porque seus pais, igno-
rantes e rudes aldeãos, não o podendo
dispensar da lavoura, cometeram o gra-
ve erro de o não mandarem à escola —
ou mesmo porque há alguns anos atrás
não existiam tantas fontes de luz para
iluminar esses cérebros rudes: as es-
colas; dizia eu, o mais humilde soldado
que vai para a frente da batalha, de
ânimo alegre, seguindo o caminho do
Dever com uma coragem que nada faz
fraquejar (nem mesmo a saúde da
família), vale mais, tem mais direito
à nossa admiração do que todos os no-
bres do mundo. Retira-te, Rafael — di-
se para o filho — eu já te chamo — E
para Gerardo que esboçava um movi-
mento de retirada: — Fique, meu filho,

A FOLHINHA MALUCA

◆ ◆ Por LAURA CHAVES ◆ ◆

AQUELA árvore era mãe
de muita, muita folhinha!
Nem mesmo sabia bem
quantas as filhas que tinha.

Porém, em certa ramada,
nasceu-lhe, um dia, uma fôlha
que entre tôdas foi notada
por ser maluca, ter bôlha.

Quando as irmãs davam palmas
ao vento que as agitava,
ela, na maior das calmas,
pingia que dormitava.

Se o sol, ao meio dia,
punha as outras a dormir,
era, então, que ela bulia,
não parava de bulir.

Certa tarde, veiu a aragem
sobre a árvore cantar,

e logo tôda a folhagem,
alegre, pôs-se a dansar.

Mas, nisto, a doida folhinha
soltou-se, de repelão,
e começou, ligeirinha,
a dar voltas-pelo chão.

(Continua na página 8)



O CRITERIO DO PRETINHO

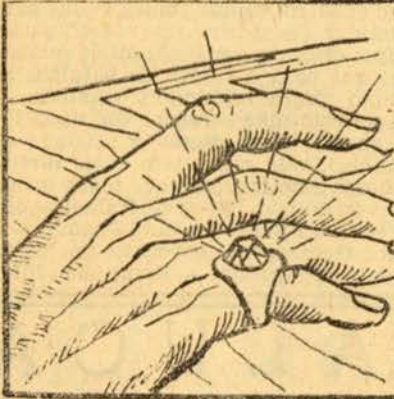
Por ANTÓNIO GOMES MACHADO



O Doutor Neves da Silva, que era um médico de fama, tinha por criado um preto vindo há pouco de Bolama.

Fazendo a limpeza, um dia, o criado achou no chão dez escudos e a moeda foi logo dar ao patrão.

— «Guarda-os. (Este, então, lhe diz) Vejo que tu és honesto...» E o preto em seu mealheiro foi deitá-los, muito lesto.



Certo dia, no escritório, o nosso sábio doutor deixou cair, e não viu, anel de grande valor.



De procurar o anel o Doutor já muito farto, pergunta ao preto se o achou, por ventura, nalgum quarto.



«Achei-o — (responde o preto com toda a sua humildade) — mas guardei-o como prémio... o prémio da honestidade.»

tenho que dar-lhe uma lição. E continuou:

Que mérito têm os nobres em o ser? A verdadeira nobreza não estará na alma? Pois a verdadeira nobreza é a dos sentimentos, e só esses dignificam o homem, bem como os actos que praticam. Não é por Rafael ser filho de um oficial, que apenas vivia do seu soldo, que qualquer titular tem o direito de lhe bater. Defendeu-se, apenas, e cobarde seria se o não fizesse. Porque o julga inferior? Bem sabe que todas as crianças, ricas e pobres, nascem nuazinhas, como Jesus nasceu. Portanto, são iguais no nascimento. As doenças e a morte as dá Deus, por igual, a ricos e pobres.

Há, apenas, felizes e infelizes, protegidos e desprotegidos da sorte. Cada um tem seu destino. — O Rafael foi talvez demasiado vivo, mas tem desculpa porque tem um verdadeiro culto pela memória do seu querido pai, a quem ergueu um altar no seu coração de ouro.

Orgulha-se de ser filho de um herói, e eu própria, que o adorei sempre e fui tudo para ele, não tive ciumes quando ele nos deixou pela Pátria que ia defender. Os seus feitos heroicos são numerosos. Despresando a vida, o lar e todos os que lhe eram caros, expôs desnudadamente o seu generoso peito às balas inimigas. Já ferido, quasi sem alento, ainda arrancou das mãos do inimigo em fuga, a bandeira da Pátria.

Gerardo, a pouco e pouco, curvára a cabeça envergonhado. A boa senhora chamou seu filho e, impelindo-o para Gerardo, disse:

— Meus filhos, sede bons e amai-vos como irmãos. Para as almas nobres não há gerarquias. Jesus, nascendo entre os humildes, indicou-nos o exemplo a seguir. Ele nos pregava sempre a Paz e o Amor. Esta noite é a do Natal, a noite da Família; portanto haja Paz e Amor!

Os dois pequenos com as lágrimas a bailarem-lhes nos olhos, caíram nos braços um do outro, enquanto a Milita

CHARADAS EM FRASE

I — Ele goza ventura quando permanece neste bairro de Lisboa — 1-2.

II — Isolado nesta casa, ele sente-se num palacete antigo — 1-1.

III — Aqui, com firmeza, ele delicia-se com esta bebida — 1-1.

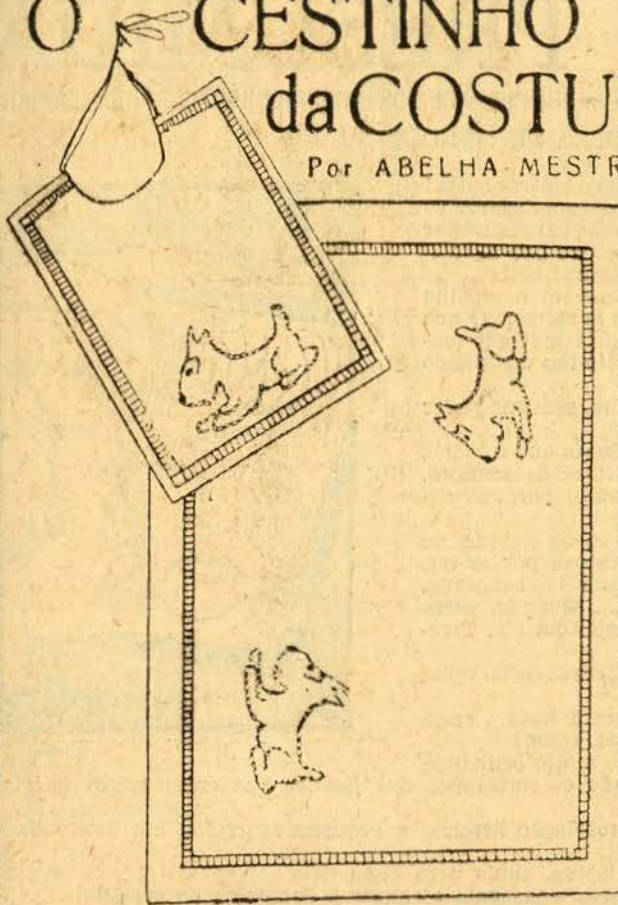
IV — Quando toma o alimento esta ave, torna-se um pássaro palrador — 2-2.

já ria, batendo palmas, radiante e a bondosa senhora beijou-os carinhosamente, reunindo-os no mesmo amoroso abraço.

Passaram anos; e estes dois rapazes são hoje bravos militares, ligados por estreita amizade, e pelo amor à Pátria, pela qual estão prontos a dar o seu sangue. Esse grande amor se revela em seus olhos francos, quando dizem: — Viva Portugal!

O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA



Uma toalhinha com o seu guardanapinho, eis um belo conjunto, eis uma linda dádiva que deixará radiante o bebê mais exigente!

Bem boas serão as papinhas que tiverem por companheiro esse engraçado Tóto!

O tecido mais próprio para executar esta obra é o linho.

Ao vosso gosto fica a escolha da cor e, portanto, a responsabilidade também da cor do Tóto, que tem de se harmonisar com a do tecido.

Pontos a aplicar, temos o de bainha aberta, fazendo o *ajour* e o nosso conhecido ponto pé de flôr.

Palpita-me que algumas bonecas, também, ficariam muito contentes se as suas mamãzinhas lhes oferecessem tão lindo presente!

Por isso, às mais pequeninas, eu aconselho a trabalhar para as suas filhas, deixando às mais crescidas o encargo de ampliar o trabalho e dedicá-lo aos verdadeiros *Bébés*, aqueles que, de facto, andam, correm, brincam, choram, têm birras, batem com o pé, riem e que são o nosso maior encanto!

A todas beija, com muita amizade, a vossa

ABELHA MESTRA

Aquêles botõezinhos de ouro

(Continuado da página 3)

Pois qual não foi seu espanto
Quando, numa joalheria,
São metidos, à mistura
Com outros, numa bacia
E em seguida reduzidos
Ao pó mais fino que havia!

Então disseram, desfeitos,
Com pranto de causar dó:
«De nada serve a vaidade!
Tudo neste mundo é pó!»

PARA OS MENINOS COLORIREM



F

I

M

A MENINA PRESUMIDA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

MAIS presumida que a Terezinha era difícil encontrar outra! Enquanto as amigas brincavam despreocupadas, ela só pensava em arranjar a madeixa do cabelo, em endireitar o cabeção do vestido e não havia espelhos que bastassem para aquela tolinha se mirar e remirar nêles!

Um dia, ao entrar no quarto, deu com o espelho pendurado tão alto que era impossível lá chegar. O que ela não adivinhara é que fora a própria mãe que magicara tal partida, para ver se combatia aquele defeito tão antipático da filha.

— O' mãzinha, como hei-de eu pentear-me, assim, sem me poder ver!? — indagou a pequena, aflita.

— As meninas da tua idade, estão sempre bem. Basta que a Maria te alise o cabelo com o pente — foi a resposta maliciosa da senhora. Terezinha mordeu os lábios, furiosa, não se dando por convencida.

Tentou mirar-se nos vidros das janelas, na água do tanque, no lustre do bule; nada a satisfazia. Até andava desgostosa por se ver, reflectida naquelas coisas, toda deformada... Que nariz tão achatado, que testa tão abaulada, que olhos tão estoirados!... Quando, certa tarde, as primas combinaram vir passar um bocado com ela, Terezinha decidiu que se havia de pôr bonita.

Não havia de lhes aparecer com o cabelo penteado pela velha Maria que nada entendia disso.

Precisava, ela própria, de puxar a madeixa para a testa... endireitar com arte a cabeça e o lacinho da blusa. Mas, como?

O espelho, lá no alto, parecia fazer-lhe negaças, muito brilhante,

só reflectindo os cortinados das janelas que eram prêsos quasi no tecto.

Numa resolução heroica, a pequena acarretou um banco da cozinha.

Muito lépida, subiu para cima dêle.

Nem assim conseguia alcançar o demonico do espelho!

Nervosa, pôs-se nos bicos dos pés, mas desequilibrou-se e zás!... — pregou consigo no chão.

Ao ouvir o estrondo e o choro desabalado da Terezinha, a mãe correu logo em seu socorro.

Entre soluços e lágrimas, a pequena teimava, esperneando numa birra. — «Quero ver-me ao espelho! Quero ver-me ao espelho!»

Então, a senhora, muito serena, tirou o espelho da parede e disse:

— Vou fazer-te a vontade, mas vê lá não te arrependas.

Terezinha teimou, berrando como uma possessa:

— «Quero ver-me ao espelho! Quero ver-me ao espelho!»

Pondo em frente da filha o aço polido do espelho, a senhora acrescentou:

— Olha para a tua carantonha, minha toleirona!

A medo, Terezinha levantou a cabeça e viu, reflectida no espelho, uma cara muito feia, inchada pelas lágrimas, que a encheu de pavor.

Quanto mais chorava, mais a mãe lhe chegava o aço aos olhos, de forma que a carêta que lá aparecia, era cada vez mais medonha!

Foi assim que a Terezinha ficou curada daquela mania de estar sempre em frente dos espelhos a contemplar-se e preparar-se.

Depois daquela lição, até fugia dêles... Por fim, deshabitou-se de lá se mirar e é agora uma menina simples e nada vaidosa que usa os espelhos com conta, pêso e medida, sem os exageros das antipáticas presumidas.



A FOLHINHA MALUCA (Continuado da página 5)

Cheia de contentamento desatou ela a gritar:

— «Sopra, vento! Sopra, vento, para eu rodopiar!»

O vento ouviu a folhinha e com mais força soprou...

A fôlha sempre sozinha, meu Deus, o que então bailou!

A dansa nunca parava, era enorme a ventania, e ela, bailando, cantava, e ela, cantando, dizia:

— «Ó vento, mais uma volta! Só te quero para par! É tão bom andar à sôlta, em liberdade bailar!»

E fez-lhe a vontade, o vento. Tantas voltinhas lhe deu, que a fôlha, já sem alento, pelo espaço se perdeu.

O vento é igual à vida! Nem se sabe o que ela esconde! Se sopra de arremetida, onde é que nos leva? Onde?